

Páginas do atlas literário de Miguel Torga: um caminho de ferro de Minas Gerais a Trás-os-Montes

Talles Luiz de Faria e Sales*

Resumo

O artigo analisa os trechos da obra de Miguel Torga nos quais são abordados temas relativos à experiência do escritor no Brasil, nomeadamente no estado de Minas Gerais, como emigrante em 1920 e, posteriormente, já como escritor consagrado em 1954. Nossa hipótese de leitura aciona o conceito de atlas, conforme proposto por Georges Didi-Huberman em *Atlas ou Le gai savoir inquiet* (2011), a partir do qual será enfocado o *corpus* constituído por *A criação do mundo – Os dois primeiros dias* (1937), *Traço de união* (1955) e *Diário VII* (1956).

Palavras-chave: Atlas, espaço, imagem, Minas Gerais, Miguel Torga

Como poderei juntar as duas metades da minha vida?¹

A memória é uma terra sobre a qual a recordação traça caminhos ligando fatos e eventos, estabelece linhas de conexão, organiza espaços, épocas, pessoas e coisas a partir das imagens que delas produz e desenha

* Licenciado em Filosofia e Mestre em Teoria da Literatura e Literatura Comparada, ambas as titulações pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Atualmente, cursa o Programa Doutoral em Modernidades Comparadas pela Universidade do Minho (UMinho). Endereço de e-mail: tallesfaria@outlook.pt

¹ Miguel Torga, *Diário VII*, 3ª ed. rev., Coimbra, Gráfica de Coimbra, 1983.

um mapa que é o passado recordado. Quem traça um caminho decide, com maior ou menor consciência, a rota a ser feita, o que vale ou não vale a pena contornar, o que é dispensável e o que não o é, o que interessa ou não interessa ver. A filósofa espanhola María Zambrano considera que

[...] um caminho não se limita a atravessar um território ou a rodeá-lo. Pois o caminho, realidade mediadora entre todas, conserva qualquer coisa e evita qualquer coisa do lugar em que se abre. A sua função é conduzir algo ou alguém que sem ele não encontraria a possibilidade de existência; algo ou alguém que ineludivelmente se encontra num lugar onde não se pode instalar.²

Para além da dimensão decisória que um caminho atesta, a última frase do trecho citado de Zambrano chama atenção para o fato de que todo caminho também pressupõe uma necessidade de deslocamento. Lembrar ou recordar o passado é, portanto, traçar um caminho na memória indissociável das decisões que orientam seu traçado, ao mesmo tempo em que atesta algum grau de desconformidade com um presente no qual inteiramente “não se pode instalar”. O passado recordado é e não é o passado da história: não o é no sentido de nem sempre corresponder exatamente ao modo como as coisas se passaram, posto que, recordado, trata-se de uma elaboração subjetiva, abstrata, ainda que tenha como referência a realidade material, o modo como as coisas de fato se passaram; e o é, no sentido em que toda história é também uma história da consciência e, ao mesmo tempo em que esta testemunha, é também afetada pelos efeitos das ações humanas testemunhadas. Assim como a terra é e não é o mapa que dela se desenha, o passado é e não é o que dele se guarda. Em toda recordação há uma carga de afeto que a torna uma criação, um traço da vida objetiva: um caminho num mapa.

Quando Miguel Torga, pseudônimo literário de Adolfo Correia Rocha, relata sua infância e adolescência nas páginas de *A criação do mundo – Os dois primeiros dias* (1937), a recordação que já é uma forma de criação é reelaborada no sentido da produção de um objeto

² María Zambrano, *O sonho criador*, trad. Maria João Neves, Lisboa, Assírio & Alvim, 2006, p. 67.

literário³. Para fazê-lo, o escritor transmuntano abre caminhos na memória, conecta coisas, lugares, eventos e os recorda à sua maneira. No caso dos lugares, esses espaços da cartografia literária torgueana podem ser considerados como espaços da recordação, conforme propõe Aleida Assmann, uma vez que a “*ars memorativa* consiste de *imagines*, a codificação de conteúdos da memória em fórmulas imagéticas impactantes, e *loci*, a atribuição dessas imagens a locais específicos de um espaço estruturado”⁴. Aos locais que Torga recorda desses anos de infância e adolescência estão associadas imagens impactantes, e impactantes porque afetivas.

No híbrido em prosa que é *A criação do mundo* do ponto de vista da teoria dos gêneros textuais – “crônica, romance, memorial, testamento”, conforme classificado pelo próprio Torga no “Prefácio à tradução francesa”, de julho de 1984⁵ – o tom narrativo da recuperação de um passado que se quer contar é predominante nesses dois primeiros dias. Ao lado da hibridez que caracteriza o discurso literário posterior à popularização do gênero romanesco, o teor narrativo também investe na performance biográfica da vida que se quer contar através da escrita, num trabalho de criação de “identidade narrativa”⁶. Nos dois primeiros dias, dedicados aos atos da infância e da adolescência, o palco no qual se desenrola essa narrativa memorialística subdivide-se no espaço transatlântico que o jovem Adolfo Rocha atravessa delineando um caminho que

³ A respeito do termo “criação” escolhido por Torga para compor o título, vale lembrar o que afirma Clara Crabbé Rocha: “a própria palavra criação é já um primeiro sinal do carácter fictício do mundo representado”, em *O espaço autobiográfico em Miguel Torga*, Coimbra, Livraria Almedina, 1977, p. 151. O título de Torga parece acolher a ambos os paradigmas, pois denota, para além da criação artística da obra literária e da criação do homem que se descobre a descobrir, também a criação de seu próprio mundo. Álvaro Manuel Machado emprega o termo “criação autobiográfica” para se referir à escrita de si de Torga, em “Miguel Torga ou a impureza da criação”, *Revista Colóquio/Letras*, n° 43, maio 1978, p. 44-50.

⁴ Aleida Assmann, *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*, trad. Paulo Soethe, Campinas, Editora da Unicamp, 2011, p. 170 (grifos nossos).

⁵ Miguel Torga, *A criação do mundo*, 3ª ed., Lisboa, Dom Quixote, 2002, p. 11.

⁶ Philippe Lejeune, *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*, trad. Jovita Noronha e Maria Guedes, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2008, p. 104.

conecta os montes nortenhos de Portugal aos mares de morros do sudeste do Brasil⁷.

Torga viveu seus últimos anos de infância e a transição para a adolescência na cidade de Leopoldina, na fazenda de um tio paterno, a Fazenda de Santa Cruz, na região leste de Minas Gerais, “onde a sua infância infeliz acabou e a sua juventude atormentada começou”⁸. Foi em Leopoldina, a “pequena cidade cheia de sol”, onde Torga afirmou o mundo da cultura ter-lhe aberto o “primeiro postigo”⁹; em Leopoldina também onde o futuro autor de *Contos da montanha* (1941) ensejou os primeiros versos à influência da leitura dos poemas de Casimiro de Abreu, no Ginásio Leopoldinense. É notório o fascínio dúplice do escritor por essa vivência brasileira, a recobrá-la entre o encanto e o sofrimento em pelo menos três volumes de sua vasta obra: *A criação do mundo – Os dois primeiros dias* (1937), *Traço de união* (1955) e *Diário VII* (1956), o que indica a permanência deste tópico no rol temático do escritor.

As lembranças de Torga da vida do então jovem Adolfo Correia Rocha em Minas Gerais não são das mais doces, ainda que determinantes para a formação do futuro escritor¹⁰. Após embarcar na estação da Leopoldina Railway, ferrovia inglesa que conectava as pequenas cidades cafeeiras da Mata mineira ao Rio de Janeiro, desativada na década de 1960, o jovem Adolfo desembarca em Minas, de onde segue viagem para a fazenda do tio em um carro-de-bois “que nem sequer chiava como os de Agarez”¹¹. A comparação entre as duas terras – por “Agarez” Torga designa a sua terra natal, São Martinho de Anta, o que reforça o teor ficcionalizante da obra – é inevitável e, no Segundo Dia de *A criação do mundo*, começa por descrever a sua entrada no coração das trevas:

⁷ O resumo subsequente dessa fase da vida de Miguel Torga acompanha de perto a linha biobibliográfica, enriquecida por fotografias e reproduções documentais, elaborada por Carlos Mendes de Sousa para o Espaço Torga, disponível no sítio <http://www.espacomiguelorga.pt/p70-miguel-torga-vida-e-obra-pt>. Consultado em 24 de outubro de 2019.

⁸ Miguel Torga, “Traço de união: temas portugueses e brasileiros”, in *Ensaio e discursos (Obra completa)*, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2002, p. 150.

⁹ Miguel Torga, *Diário VII*, op. cit., p. 134.

¹⁰ Ver Dora Nunes Gago, “O Brasil: da vivência da emigração ao fascínio do reencontro”, in *Imagens do estrangeiro no Diário de Miguel Torga*, Coimbra, Fundação Calouste Gulbenkian, 2008, p. 219-234.

¹¹ Miguel Torga, *A criação do mundo*, op. cit., p. 83.

A noite, cada vez mais negra, apagava na alma toda a esperança. E comecei a chorar, de angústia e de medo. Angústia de me ver sozinho no mundo; e medo daquele Brasil assim noturno, abafadiço, irreal, com pios medonhos, sem qualquer luz a acenar ao longe.¹²

O medo nuançado pelas palavras do carreiro Anacleto, palavras que “não se entendiam”, mas que “ressumavam ternura”, proferidas na linguagem característica dos mineiros que Torga procura transpor para a escrita¹³, seria um presságio da vida difícil sob o julgo de uma tia da qual não parece resumava muita ternura. Além da saudade da terra natal e do entrevero familiar, o trabalho árduo será lembrado como um sofrimento constante naquela terra estranha da qual nada conhece.

Assim, tem início um processo calcado no conhecimento pelas imagens, mediado pelo sofrimento do trabalho pesado de carregar “os sacos de café que lhe derrearam os ombros”¹⁴. A imagem do jovem que se curva sob o peso dos sacos de café remete para a dimensão histórica de um país construído por mão-de-obra escrava e imigrante, além de sugerir um arcabouço mítico para aquele que deixa seu país em busca de trabalho. A figura do Atlas, o titã que carrega o mundo nas costas, adequa-se à figura do trabalhador de ombros derreados sob o peso da mercadoria que sustenta o mundo em que habita¹⁵.

O Atlas aparece como imagem de destaque da experiência de exílio de Miguel Torga porque permite configurá-la em tripla dimensão: o sofrimento de quem carrega pesados fardos, a experiência da viagem por terras distantes e o teor imagético abrigado pelo estilo da composição narrativa que rememora os anos de juventude no Brasil. Relativamente à primeira dimensão, cabe lembrar que carregar (*porter*) é o que torna

¹² *Ibid.*

¹³ “ – Seu minino deixe di bobage. Chorar porque? Além disso, estávamos quase a chegar. Ia ver que não havia razão para aquelas lágrimas” (*Ibid.*, p. 84). Uma das características da pronúncia mineira está na troca do fonema da vogal “e” pelo fonema da vogal “i” e na supressão do “-m” em palavras terminadas em “-gem”, como “bobagem”. Outros traços característicos desta pronúncia seriam a constante terminação das palavras no diminutivo “-inho(a)” ou ainda a aglutinação oral de duas ou mais palavras, aspecto elevado às máximas possibilidades linguística e literária por João Guimarães Rosa.

¹⁴ Miguel Torga, *Traço de união*, *op. cit.*, p. 113.

¹⁵ Ainda que não haja referência direta ao mito de Atlas, os mitos gregos são recorrentes em Torga, conforme atesta o estudo de Maria Helena da Rocha Pereira, “Os mitos clássicos em Miguel Torga”, *Revista Colóquio/Letras*, nº 43, maio 1978, p. 20-32.

possível o “saber pelo sofrer” (*pathei mathos*) de Atlas, na fórmula celebrizada por Ésquilo e retomada por Didi-Huberman:

Porter manifeste donc la puissance du porteur, mais également la souffrance qu’il endure sous les poids de ce qu’il porte. Porter est un acte de courage, de force, mais aussi de résignation, de force opprimée: ce sont les vaincus, ce sont les esclaves qui éprouvent le plus vivement le poids de ce qu’ils portent.¹⁶

A partir da apreciação do *Atlas Mnemosyne* de Aby Warburg, Didi-Huberman delinea uma concepção do atlas enquanto forma calcada no princípio da montagem daquilo que resta da “coerência desmoronada” do mundo moderno¹⁷. Amálgama de certas relações íntimas e secretas, a forma atlas proporciona um conhecimento transversal da complexidade histórica, consistindo a imaginação em seu princípio constitutivo. Por aceitar o múltiplo, a imaginação propõe vínculos que a observação direta seria incapaz de criar, levando a um saber inesgotável, interminável, sempre apto a rearranjos. Resposta a uma situação de opressão carregada, a condição do Atlas, daquele que leva o mundo nas costas, constitui-se simultaneamente da potência de sua força e do sofrimento de aguentar o peso que carrega. A sua potência imóvel – posto que não pode se converter em ato de retirar o mundo dos ombros – é *vis contemplativa* propiciadora de um saber trágico resultante do sofrimento e da dor, o *pathei mathos* de Ésquilo¹⁸. O sofrimento causado pelo passado que ainda é presente viabiliza a possibilidade de um saber de outro modo inacessível, um saber a contrapelo daquele assegurado pela história oficial¹⁹. Em decorrência desse “saber pelo sofrer”, Torga funde num mesmo amálgama afetivo as experiências vividas e suas imagens, propondo vínculos imagéticos entre ambos os espaços, traçando um caminho de

¹⁶ Georges Didi-Huberman, *Atlas ou le gai savoir inquiet*, Paris, Les Éditions de Minuit, 2011, p. 88.

¹⁷ *Ibid.*, p. 17.

¹⁸ *Ibid.*, p. 96.

¹⁹ Walter Benjamin, “Sobre o conceito da História (Tese 7)”, in *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*, trad. Sérgio Paulo Rouanet, 7ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1994.

ferro que conecta, pela imaginação, Minas Gerais a Trás-os-Montes²⁰: “Confundo num mesmo espanto a Ursa Maior e o Cruzeiro do Sul, a flor do ipê e a do rosmaninho, a água do Doiro e a do Paraíba. Misturo tudo.”²¹ A imaginação que traça liames entre *astra* e *monstra*, entre o sideral e o visceral, acaba por constituir um conhecimento silencioso que culmina no amadurecimento do jovem que protagoniza o *bildungsroman* que são os primeiros dias de *A criação do mundo*. Ao decidir retornar a Portugal, onde terá os estudos de medicina em Coimbra custeados pelo tio em pagamento aos anos de trabalho no Brasil, o até então jovem Adolfo Rocha já não parece ingênuo aos olhos de Torga: “Aprendera a objetivar a vida. Caminhava no chão. As palavras, os gestos e o próprio silêncio assumiam finalmente a crua função expressiva.”²² O peso dos sacos de café calca fundo no chão os pés do emigrante transmontano, a estabelecer uma justaposição entre os mitos de Atlas e de Anteu²³, o gigante que retira sua força do solo e que acaba derrotado por Hércules.

Se o sofrimento da opressão carregada de Atlas incide em um novo paradigma de leitura do mundo, amplamente ancorado numa perspectiva humanista que leva o autor de *Bichos* (1940) a criticar o preconceito e a violência europeias para com suas colônias²⁴ e a manter-se “sempre do lado dos incas e dos astecas vencidos”²⁵, faz também eclodir em simultâneo o apego à terra, a paixão e a necessidade

²⁰ Trata-se de uma imagem do próprio Torga: “O caminho-de-ferro que vai a Minas ou a Trás-os-Montes tem calhas de aço por onde rola, com a mesma pressa, ao encontro de diversos mas igualmente fortes vencidos, o seu [do emigrante] coração aflito. A aldeia da alta lombada onde nasceu e o rancho sertanejo onde morou são extremas dos sete palmos da sua humanidade. Vivo, será sempre esses dois pólos; morto, terá o cadáver ausente de um deles”. Miguel Torga, *Traço de união*, *op. cit.* p. 155.

²¹ *Ibid.*, p. 151.

²² Miguel Torga, *A criação do mundo*, *op. cit.*, p. 152.

²³ Acerca da recorrência do mito de Anteu em Torga, ver Maria Helena da Rocha Pereira, *op. cit.*, p. 29-30. Ou, ainda, o livro de Isabel Vaz Ponce de Leão, que aponta o telurismo em relação a terras menos materiais: “Destarte, a terra, em que Anteu tocou, pode ser a transmontana como a brasileira, como a da pátria mítica das suas memórias pessoais em que o presente dialoga com o passado numa perspectiva universal”, em *A obrigação, a devoção e a maceração (O Diário de Miguel Torga)*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005, p. 65.

²⁴ Miguel Torga, *Diário VII*, *op. cit.*, p. 52ss.

²⁵ *Ibid.*, p. 102.

do telúrico cristalizados pelas leituras do mito de Anteu. Em carta a Ribeiro Couto, Torga sintetiza essa relação entre sofrimento e telurismo: “É um fraco, esta paixão pelo telúrico. Mas tenho-a, e a tua terra é o telúrico em corpo inteiro. Gostei sempre de tudo quanto põe os homens à prova. E o Brasil é isso. Uma espécie de meio desumano a desafiar o humano.”²⁶

Aqui, tem lugar a reiteração da relação entre *astra* e *monstra*, o desumano que desafia o humano²⁷. Na lida com a terra, na observação dos astros que cambiam a norte e a sul do Equador, na luta contra as intempéries da natureza, imbrica-se a luta do homem contra si mesmo, contra seus monstros interiores. Torga fez deste um combate sem tréguas, fazendo telurismo e humanismo confluírem num mesmo amálgama que é o cômputo geral de sua obra²⁸. Espécie de Ahasverus condenado a perambular pelo mundo, esse “geófago insaciável” busca acalmar seu apetite pantagruélico com viagens das quais nos legou ricos relatos e reflexões, como as decorrentes de sua passagem por Espanha, com clara tomada de posição contra o franquismo. Dentre elas, interessa aqui o retorno a Minas Gerais em meados da década de 1950, onde desembarca, não como Adolfo Correia Rocha, mas como o já celebrado escritor Miguel Torga.

Na viagem que faz ao Brasil em 1954 para proferir a conferência “Trás-os-Montes no Brasil”, Torga compõe novas páginas de seu atlas pessoal ao visitar algumas cidades mineiras como Congonhas do Campo, Ouro Preto (antiga Vila Rica), Belo Horizonte e Banco Verde (município de Palma), nessa ordem, num roteiro inaugurado no *Diário VII* a 20 de Agosto e com última entrada três dias depois. A referência a Banco Verde é um indicativo de que Torga tenha viajado pelo interior de Minas fazendo uso da Estrada de Ferro Leopoldina, inaugurada no último quartel do século XIX com a finalidade de escoar a produção cafeeira do leste mineiro para os portos do Rio e extinta na segunda metade da década de 1970. Hoje, restam apenas as ruínas abandonadas

²⁶ Miguel Torga, *Traço de união*, *op. cit.*, p. 175.

²⁷ Sobre a relação entre *astra* e *monstra* no Atlas de Aby Warburg ver Georges Didi-Huberman, *op. cit.*, p. 25.

²⁸ A respeito do telurismo e do humanismo em Torga, ver Vítor Gomes Lousada, *Miguel Torga: o simbolismo do espaço telúrico e humanista nos contos*, Guimarães, Editora Cidade Berço, 2004.

dessas antigas estações que, de alguma forma, testemunham o fracasso econômico do último empreendimento colonizador de todo o sudeste brasileiro. Seja em 1920, seja em 1954, Torga entra em contato com uma região de Minas Gerais que não foi dada aos mineiros de hoje conhecer. Ao immortalizar a pequenina e atualmente decrépita Estação de Banco Verde, Torga atua coerentemente a partir daquilo que julgava ser o ofício do poeta, conservar no “sótão da humanidade” aquilo que o prosaísmo utilitário e desencantado do mundo quer esquecer²⁹. As páginas mineiras do atlas torgueano permitem remontar a coerência desmoronada desse mundo, se não objetivamente, mediante a força do afeto que se sobrepõe à energia crítica.

Ainda em Banco Verde, a estação que hoje serve de pasto aos fantasmas da história, Torga aponta em seu diário: “Olho as pessoas e a paisagem com o alvoroço sentimental dum reencontro longamente apetecido. E, ao fim de cada abalo, em vez duma reação clarificada, tenho um nó na garganta.”³⁰ O afeto que se desdobra das linhas de Torga acerca de sua visita a Minas Gerais em 1954 manifesta um estado de espírito comum àqueles que se encontram naquilo que Michael Onfray denomina por “espaço intermédio do regresso”, afeito à desordem e ao caos, à abundância e à embriaguez, espaço no qual o sujeito é dominado “pela confusão e pela amálgama de sensações, bem como pela incoerência das percepções”³¹. O afeto pelos “terramotos interiores sem registo possível”, as emoções humanas, coaduna-se ao desejo de auscultar o coração campestre como nas consultas médicas que exerce em seu consultório em Coimbra, tão dificilmente sondável quanto o coração humano, e o nó que sente à garganta manifesta uma vez mais a potência imóvel de Atlas.

A capital Belo Horizonte aparece no *Diário VII* como um símbolo do “espírito nativo emancipado”, em contraste com as cidades históricas, fantasmagorias de um passado português:

Mais do que no Rio, onde a impetuosidade dos montes há-de sempre ombrear com o gigantismo dos arranha-céus, são as duas capitais de Minas e S. Paulo que me

²⁹ Miguel Torga, *Diário VII*, *op. cit.*, p. 51.

³⁰ *Ibid.*, p. 134-135.

³¹ Michael Onfray, *Teoria da viagem: Uma poética da geografia*, trad. Sandra Silva, Lisboa, Quetzal, 2019, p. 88.

dão a força, o poder e a capacidade de domínio do espírito nativo emancipado. [...] Arrumadas no museu da história, Ouro Preto, Mariana, Sabará e outras irmãs desusadas, são curiosidades do tempo, formas caducas do intimismo colectivo. Uma arquitetura americana para uma vida americana, tinha de ser pujante, vegetativa, tentacular.³²

Ouro Preto, a Vila Rica setecentista, “na sua intacta pureza lusitana”, parece-lhe um “cemitério habitado por vivos”, onde se anda “pelas ruas a tactear, à procura dos fantasmas”: “Pena o Itacolomi não ser um Vesúvio de verdade, que tivesse guardado nas cinzas, como em Pompeia, o molde privativo do passado.”³³ O pico do Itacolomi, do tupi “menino de pedra”, servia de ponto de georeferência aos bandeirantes paulistas que primeiro descobriram o ouro em Minas, visto sua configuração peculiar. Ao estabelecer uma conexão entre o pico de Ouro Preto e o vulcão de Pompeia, Torga aponta para o potencial mnemônico das montanhas, maciçamente presentes ao longo de toda a sua vasta obra, retomando o *tópos* das oréades hesiódicas, as musas do Monte Hélicon, filhas de Mnemosyne. Ao mesmo tempo, expressa o desejo de um ponto final ao passado português no Brasil colonial, soterrado pelas cinzas de um vulcão onírico. A tomada de posição a favor do “espírito nativo emancipado” da antiga colônia portuguesa revela, para além do humanismo característico de Torga, uma identificação afetiva com a terra na qual deixou parte significativa de sua vida.

Interessa notar que nas páginas do *Diário* dedicadas à viagem ao Brasil o tema do “espírito nativo emancipado” passa a destacar-se a partir da visita que faz a Congonhas do Campo e a seus profetas esculpidos em pedra-sabão por Aleijadinho. Ao procurar na arte sacra mineira os “paradigmas caseiros” portugueses (o Bom Jesus de Braga, a Sra. Dos Remédios de Lamego, os passos da paixão de Falperra), Torga sente-se movido por um pensamento anacrônico e alerta ao eventual turista europeu a “por de lado sua bitola de valores”. Se por um lado Torga demonstra “a consciência das diferenças culturais e de valores

³² Miguel Torga, *Diário VII*, *op. cit.*, p. 133-134.

³³ *Ibid.*, p. 133.

entre os dois países”³⁴, por outro a comparação não é descabida³⁵ e é a partir dela que se pode notar qualquer originalidade, uma vez que a afirmação de toda diferença exige necessariamente um outro. O jogo de semelhanças e contrastes assim percebidos extrapola o domínio da razão pura, entretecendo um atlas das formas artísticas mediante uma epistemologia calcada na imaginação, capaz de descobrir razões que a razão ignora³⁶. Não estamos distantes das modulações da teoria ou doutrina das semelhanças que tanto interessaram a Goethe e Baudelaire, depois incorporadas pela filosofia de Walter Benjamin. É pela comparação que Torga perceberá o “espírito nativo emancipado”, ao notar a irredutibilidade da arte setecentista mineira aos “paradigmas caseiros” portugueses, estendendo essa noção para a moderna e planejada capital mineira, Belo Horizonte, na sequência dos dias de sua viagem a Minas. Referindo-se aos profetas de Aleijadinho em Congonhas do Campo, Torga afirma o seguinte:

[...] uma profusão de formas e volumes vive a sua eternidade, modesta, mas original e digna. O génio intuitivo dum homem embrionário, que saía das trevas da caldeação de duas raças fora do solo nativo – a portuguesa e a africana –, reclamou a sua alforria. Emancipação do corpo e do espírito – do corpo porque transcendia o espírito, e do espírito porque transcendia o tempo. [...] Homens tão vivos [os profetas esculpidos], tão autênticos, tão concretos, que acabo por perguntar a mim mesmo se o verdadeiro grito do Ipiranga não foi aqui!³⁷

O “espírito nativo emancipado” que anima a arquitetura das cidades modernas como Belo Horizonte e São Paulo tem, no *Diário* de Torga, a sua genealogia antevista nos olhos pétreos de um Ezequiel de pedra-

³⁴ Dora Nunes Gago, *op. cit.*, p. 226.

³⁵ Além da semelhança entre os santuários bracarense e mineiro, as relações culturais e artísticas entre Minho e Minas Gerais são bastante estreitas, em que pese o desconhecimento que para sobre elas. A esse respeito, ver Eduardo Pires de Oliveira, “Entre Douro e Minho e Minas Gerais no século XVIII. Relações artísticas”, in Neide Marcondes Martins e Manoel Lelo Bellotto (org.), *Labirintos e nós: imagem ibérica em terras de América*, São Paulo, UNESP, 1999, p. 147-179; e ainda Donald Ramos, “Do Minho a Minas”, *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, Arquivo Público Mineiro, 2008, p. 134-153.

³⁶ Georges Didi-Huberman, *op. cit.*, p. 39.

³⁷ Miguel Torga, *Diário VII, op. cit.*, p. 130.

sabão. E, para além da independência artística sintetizada pelo “génio intuitivo” de Aleijadinho, chama atenção ter-se originado nesse estado o primeiro movimento de independência da colônia em relação à Coroa portuguesa. Desse modo, o barroco e o rococó mineiros não são exatamente formas caducas de um Portugal transatlântico, mas formas *contrastantes* aos edifícios modernos a partir das quais se erigirá uma estética a ser consolidada pelos modernistas de 1922 nas artes e na literatura, bem como pela arquitetura urbana das cidades planejadas, que tem no edifício Acaiaca, construído em 1943, em Belo Horizonte, um seu representante na verticalidade de seus 30 andares e nas duas efígies indígenas que ornaram seu estilo *art déco*³⁸. A admiração inicial em Congonhas do Campo descrita em 20 de agosto de 1954 e a caducidade das “irmãs desusadas” em comparação a Belo Horizonte, anotada nesta cidade dois dias depois, após passagem pelo “cemitério habitado por vivos” que seria Ouro Preto, dão mostras de que a viagem, na composição de um atlas pessoal, a reunir lugares e imagens desses lugares, atua como um móbil do conhecimento, a potencializar novas perspectivas. Essa dimensão cognoscitiva da viagem faz-se também presente em sua poesia, como no poema “Viagem”, de *Câmara ardente* (1962): “Só nos é concedida / Esta vida / Que temos; / E é nela que é preciso / Procurar / O velho paraíso / Que perdemos”. E em seu último dístico afasta qualquer laivo soteriológico, aproximando-se do ideal socrático: “Em qualquer aventura, / O que importa é partir, não é chegar.”³⁹ Muito mais que lazer, a viagem, em Torga, é uma procura de si ao redor do mundo.

Se o sofrimento da infância e a adolescência no Brasil e as viagens da fase adulta remetem Torga à constelação dos elementos atlantes, cabe ainda a pergunta: de que modo a forma atlas comparece em sua escritura? Um atlas não possui uma forma definitiva, posto que suas imagens prestam-se à divagação daquilo que se deseja saber⁴⁰. Se se tem em mente um atlas geográfico ou as pranchas imagéticas de Aby

³⁸ Vale lembrar que Torga conheceu uma Belo Horizonte sob o influxo da gestão de Juscelino Kubitschek, futuramente Presidente da República (1956-1961), gestão marcada pelo afã modernizador que conciliou as contribuições de Candido Portinari e Oscar Niemeyer na identidade arquitetônica da capital mineira.

³⁹ Miguel Torga, *Câmara ardente*, Coimbra, Coimbra Editora, 1962.

⁴⁰ Georges Didi-Huberman, *op. cit.*, p. 11.

Warburg, a indefinição formal que paramenta a leitura de um atlas não abriga grandes complicações. Mas como proceder à divagação quando o livro possui início, meio e fim, quando se organiza cronologicamente do primeiro ao sexto dia da criação? O objeto livro tensiona a forma atlas⁴¹. Em *A criação do mundo*, essa tensão evidencia-se no prefácio do autor à tradução francesa de 1984: “Livro temerariamente concebido na mocidade, imprevisível na trama e no rumo, só o tempo lhe podia dar corpo e remate, traçando-lhe o enredo e marcando-lhe a duração.”⁴² A par da indefinição genérica aqui já aludida, nota-se que o livro, enquanto objeto a ser publicado, é que se impõe ao autor através do tempo. Simultaneamente, nessa dobra sobre si mesmo do livro – dobra que é todo prefácio –, há traços de caminhos, o do autor ou o do prefaciador alógrafo, que conduzem por determinada senda do texto legitimada pela autoridade de quem o escreveu ou pelo prestígio de quem o conhece⁴³. Ao retomar a noção de “caminho” proposta por Zambrano, notar-se-á a sua tripla dimensão em *A criação do mundo*: um caminho que atravessa as etapas da vida do autor, o caminho transatlântico que se estende de Portugal ao Brasil e vice-versa e o caminho que leva à concepção do livro que se quer escrito. Em todos eles conserva-se ou evita-se algo: no caminho que leva à concepção do livro, resta na escritura vestígios de um atlas que o livro não consegue de todo domesticar, conforme atesta o trecho citado do prefácio, indicativo do embate entre forma (atlas) e objeto (livro).

Nas páginas mineiras do atlas literário de Torga, o autor monta um *tableau* descritivo do espaço estrangeiro a partir do sequenciamento de elementos que oferecem uma visão sintética de forte apelo imagético:

Havia ainda quilômetros e quilômetros de cafezais, encostas plantadas de cana do açúcar, várzeas cobertas de arrozais, extensões enormes de mata virgem (porque o que eu vira eram simples capoeirões), montes e montes cobertos de capim, onde pastavam grandes manadas de gado, o engenho, a usina, o alambique, um rio do tamanho do Corgo – e pretos e pretas a torto e a direito.

⁴¹ É o caso das edições do *Livro do desassossego*, de Fernando Pessoa, que por seu caráter fragmentário e pela dispersão das folhas soltas do manuscrito original é tema de constante celeuma entre seus estudiosos.

⁴² Miguel Torga, *A criação do mundo*, *op. cit.*, p. 11.

⁴³ Gérard Genette, *Paratextos editoriais*, trad. Álvaro Faleiros, Cotia, Ateliê, 2009, p. 145.

A seguir meu tio, que me mostrava a fazenda, ia vendo, ouvindo e fixando nomes. Inhame, mandioca, quiabo, manga, abacaxi, jacarandá, tucano, araponga... Nada do que aprendera em Agarez servia ali. Nem os ninhos eram iguais.⁴⁴

Não se trata de uma catalogação ou de um arquivo com pretensão à integralidade, mas de imagens que orbitam e constituem a identidade do espaço apresentado, não unívoca, uma vez composta pela multiplicidade da diversidade: totalidade do múltiplo organizada sob a autoridade do semelhante⁴⁵. Torga põe em conexão imagens de elementos que, se remetem o leitor português para o Brasil, no caso do leitor brasileiro o remetem diretamente a Minas Gerais. É o caso, pelo menos, para os “quilômetros e quilômetros de cafezais”⁴⁶, “montes e montes cobertos de capim”, “grandes manadas de gado”⁴⁷, “o alambique”⁴⁸, “pretos e pretas a torto e a direito”⁴⁹, “inhame”, “quiabo”⁵⁰. Bombardeado pelas novas

⁴⁴ Miguel Torga, *A criação do mundo*, *op. cit.*, p. 85-86.

⁴⁵ Georges Didi-Huberman, *op. cit.*, p. 68.

⁴⁶ Sobre a posição central da agricultura na economia colonial brasileira e a cafeicultura em Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro ver Caio Prado Júnior, “Grande lavoura”, in *Formação do Brasil contemporâneo: colônia*, São Paulo, Companhia das Letras, 2011, p. 135-163.

⁴⁷ A imagética relativa aos montes e ao gado é amplamente difundida nas caracterizações do estado de Minas Gerais, como se nota nas obras de Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade ou Cornélio Penna, numa tradição que se origina com a poesia pastoril de Claudio Manuel da Costa e de Alvarenga Peixoto, também presente nos relatos de viajantes europeus que visitaram o estado no século XIX.

⁴⁸ O “alambique” remete para a produção da “cachaça” ou aguardente, sendo a “cachaça mineira” a mais apreciada no país, “o espremido licor nos fundos cobres”, como a ela se refere Claudio Manuel da Costa no poema épico *Vila Rica* (1773). Sobre o histórico da produção e consumo de aguardente em Minas Gerais, ver Valquíria Ferreira da Silva, *De cabeça de porco à bebida de negro: um estudo sobre a produção e o consumo da aguardente nas Minas Gerais no século XVIII*, Dissertação de mestrado, Belo Horizonte, UFMG, 2015.

⁴⁹ A presença africana é marcante em Minas Gerais, uma vez que a mão-de-obra escrava foi amplamente utilizada na mineração e posteriormente nas lavouras de café, chegando a contabilizar 174 mil escravos em 1786. A esse respeito, ver Lilian Schwarcz e Heloísa Starling, *Brasil: uma biografia*, São Paulo, Companhia das Letras, 2015.

⁵⁰ O quiabo é muito presente nas práticas alimentares mineiras, conforme testemunha Auguste de Saint-Hillaire em uma de suas viagens a Minas no século XIX: “Um dos pratos favoritos dos mineiros é a galinha cozida com os frutos do quiabo [...] mas os quiabos não se comem com prazer senão acompanhados de angu”. Em *Viagem à Província de Goiás*, Belo Horizonte, Editora Itatiaia, São Paulo, Edusp, 1975, p. 96.

imagens de um mundo novo, desconhecido, o jovem transmontano experimenta um daqueles momentos que Bachelard denominou, no âmbito da filosofia da ciência, por *ruptura epistemológica*: “Nada do que aprendera em Agarez servia ali.” A primeira tentativa de composição de um novo paradigma epistêmico é feita a partir da justaposição de imagens de coisas relativas ao principal da vida na fazenda, uma vez que poucas são as equivalências estabelecidas para além dos tamanhos do afluente do Douro e do pequeno rio brasileiro. Se no caminho da vida o conhecimento deriva do sofrimento e no caminho da viagem da geofagia iniciada com a partida, no caminho da escritura o mesmo se dá a ver pelas imagens.

Em 1954, no caminho de ferro de Banco Verde onde se despede de Minas Gerais para retornar a Portugal – a próxima entrada traz a data do dia seguinte, 24 de agosto, redigida em Guanabara –, Torga parece lamentar em seu *Diário* a relação que em adulto estabelece com o Brasil, uma vez que a carga de afeto se sobre põe à capacidade de análise:

[...] É difícil visitar em pura neutralidade de observador um país, um lugar, um simples estabelecimento que faz parte da nossa história pregressa. O abraço comovido que acabo de dar a um preto que me reconheceu, a ternura com que afaguei a casca insensível e desmemoriada de árvores gigantes que plantei meninas, e o grande encontro que me espera ainda com pessoas a quem me ligam afectos e desilusões, são terramotos interiores sem registo possível. Ou, pelo menos, perturbações da alma tão profundas, que polarizam a luz que deveria iluminar a paisagem circundante.

E tenho de me resignar a um regresso rico de safanões emotivos e pobre de análises discriminadoras. Que me perdoe o Brasil. Foi por lhe ter dado o melhor de mim na infância que agora o não posso olhar com adulta serenidade.⁵¹

Se no *Diário* Torga parece, a um crítico como Eduardo Lourenço, aprisionado à construção da imagem de si, onde “tudo é Torga, Torga é tudo”, o trecho supracitado talvez seja um dos raros momentos do *Diário* no qual o seu autor não imprime “no espírito dos seus leitores a

⁵¹ Miguel Torga, *Diário VII*, *op. cit.*, p. 135-136.

imagem-Torga, a visão-das-coisas Torga”⁵², fundamento da ressalva de Lourenço. Aqui, a observação não é neutra, mas baralhada pelos afetos que experimenta, a razão cede lugar à emoção e as imagens sucedem-se umas às outras. A lógica da narrativa, nuclear ao empreendimento autobiográfico que é *A criação do mundo*, foge ao domínio de seu autor e esfacela-se nesse ponto do *Diário*, indo ao encontro do que afirma Béatrice Didier acerca da estrutura do gênero diarístico⁵³. A se ter em conta que a ressalva de Lourenço data de 1953, considerando o convívio entre ambos até a partida do autor de *O labirinto da saudade* (1978) para Hamburgo neste mesmo ano, poder-se-ia aventar um diálogo cifrado⁵⁴ no qual Torga atende à crítica de Lourenço, ainda que despropositadamente. Por intermédio de uma performance afetiva da escritura, Torga não apenas extrapola os limites da imagem segura de si, denotando “terramotos interiores sem registo possível”, mas traça ainda nessas páginas mineiras de seu atlas literário uma cartografia pela qual se pode orientar por um espaço e por uma história cognoscíveis pela imaginação, uma vez que a alma do livro não cabe no corpo da geografia⁵⁵. Cabê-la-á no corpo da escritura que pelo livro caminha?

⁵² Eduardo Lourenço *apud* Carlos Mendes de Sousa, “Eduardo Lourenço e Miguel Torga: conversa inacabada”, *Revista Colóquio/Letras*, n.º171, maio 2009, p. 176.

⁵³ “A priori ce genre se définirait par une absence totale de structure. Pas de ‘logique du récit’, comparable à celle qui existe dans le conte ou dans le roman. Pour une raison bien évidente: Il n’y a pas vraiment de récit. Et, curieusement, le journal diffère, en ce point, de l’autobiographie où je crois que l’on pourrait, du moins avec certaine prudence, parler de récit”. Béatrice Didier, *Le journal intime*, 3^a ed., Paris, Presses Universitaires de France, 2002, p. 140.

⁵⁴ “É, aliás, interessante verificar como o Diário de Torga pode funcionar pelo lado da decifração, que se torna quase sistema. Vamos deparando com testemunhos de pessoas que se reveem como figurantes de uma conversa que os não nomeia”. Carlos Mendes de Sousa, *op. cit.*, p. 174.

⁵⁵ Miguel Torga, *Diário VII*, *op. cit.*, p. 63.